

O Bambu do Uruá

Fábio de Oliveira Freitas^{1,2}
Sandra Beatriz Cerqueira Zarur¹
Dijalma Barbosa da Silva¹
José Nelson Lemos Fonseca¹

Resumo

Este trabalho conta a história do encontro pelos índios do Parque Indígena do Xingu de um tipo de bambu tradicionalmente utilizado para fazer uma flauta, chamada Uruá. Este bambu existia no Xingu, mas atualmente não estava mais sendo encontrado, impedindo que se produzissem novos instrumentos. O Uruá é muito importante, pois é usado durante o Kwarup, festa tradicional Xinguana. O encontro deste bambu na Embrapa permitiu a recuperação de uma planta importante, contribuindo para a preservação da cultura do índio do Alto Xingu.

Introdução

Os recursos genéticos vegetais constituem a base de sustentação da vida dos homens e animais. Desde os primórdios da civilização, o homem tem utilizado os recursos naturais para alimentação, saúde, abrigo, dentre outras. Apesar da sua importância para o crescimento e desenvolvimento da espécie humana, apenas nos últimos 50 anos houve a preocupação em preservar, coletar, documentar e amostrar plantas de interesse sócio-econômi-

co em coleções denominadas Bancos de Germoplasma. Esses bancos conservam as coleções de germoplasma em centros ou instituições públicas e/ou privadas sob a forma de sementes, explantes ou plantas a campo. Entretanto, muito desse material conservado não tem sido utilizado por falta de conhecimento sobre seu potencial de utilização.

O exemplo, a seguir, demonstra quão importante se torna a coleta e a conservação do maior número possível de espécies e variedades, pois um acesso "esquecido" por muito tempo em um banco pode se tornar essencial, de uma hora para outra.

Bambu – breve histórico

Os bambus pertencem a família Poaceae, sub-família Bambusoideae. É composto por aproximadamente 90 gêneros e 1100 espécies no mundo (McClure 1966; Soderstrom et al. 1987; Clark, 1990). Deste total, 42 gêneros e 547 espécies ocorrem nas Américas, representando mais ou menos 50% da diversidade mundial.

¹ Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia

² Autor para correspondência

O bambu está distribuído nas Américas desde os Estados Unidos até o sul do Chile, incluindo a região do Caribe, ficando limitado entre os paralelos 40° Norte e 47° Sul. Em termos de altitude, aparecem desde o nível do mar até regiões de 4000 metros de altitude, nos Andes.

Bambu – do banco de germoplasma para a música

Em junho de 2003, dois caciques das aldeias Yawalapiti e Kuikuro do Parque Indígena do Xingu, Aritana e Afukaka estiveram visitando as instalações da Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia. Ao longo do passeio encontraram muita coisa interessante, mais pelo exótico das tecnologias e instrumentos apresentados do que propriamente pelo interesse real despertado pelo que lhes estava sendo mostrado. Já ao final da visita, quando estávamos nos dirigindo ao carro, estacionado à sombra da alameda de bambus, próxima ao Prédio de Conservação de Germoplasma, na verdade, uma pequena coleção de bambu com fins meramente paisagísticos, que naquele instante seria novamente promovida à função de banco de recursos genéticos: Os dois índios identificaram, dentre as diversas espécies de bambu existentes, um tipo não mais encontrando no Parque.

O tipo que eles utilizam para confeccionar flautas para seus rituais. Ou seja, a matéria prima, o bambu, utilizado na produção da flauta tradicional Xinguana não existia mais, e era intensamente procurado pelo povo do Alto Xingu.

Pedimos licença aos leitores para enfatizar um lado mais emocional da ciência:

Minutos antes, Aritana havia confirmado, por telefone, um encontro com um embaixador. Ao visualizarem o referido bambu, o importante compromisso foi esquecido e, prontamente, os dois índios começaram a examinar a moita, para se certificarem se era realmente o tipo que há tempos vinham procurando.

O diálogo trocado entre os dois, na língua nativa, não pode ser entendido, mas a intensidade da emoção emanada daquele diálogo foi facilmente captada e interpretada. Os dois agiam como crianças encantadas ao examinar e esmiuçar os detalhes do presente que acabavam de ganhar.

Afukaka recolheu um pedaço de bambu que estava cortado, jogado no chão, mas por estar rachado não poderia ser usado na confecção da flauta desejada, o que o entristeceu. Naquele momento, diante da planta que há tanto tempo procuravam, humildemente perguntaram se poderiam cortar alguns pedaços para levar e confeccionar

os instrumentos. Diante da afirmativa a emoção cresceu e rapidamente passaram a examinar quais os melhores pedaços a serem cortados, qual o tamanho que deveriam ter, medindo com a palma da mão e com o braço, trabalhando com a experiência de artesões. Naquele momento o encontro com o embaixador já havia sido esquecido!

Ao final de mais de uma hora em volta daquela moita de bambu, onde Aritana trabalhava os colmos, irrompia de tempos em tempos o ar para dizer que estava emocionado, muito emocionado, com os olhos vivos, marejados, brilhantes, a ponto de tocar a quem tinha o privilégio de assistir ao espetáculo de tão pura emoção. Saíram carregando alguns feixes de bambu, que posteriormente se transformaram em flautas, como apresentamos nas figuras 1 a 11.



Fig. 1.



Fig. 2.



Fig.3.



Fig.6.



Fig.4.



Fig.7.



Fig.5.



Fig.8.



Fig.9.



Fig.10.

Fig. 1 a Fig.10 . Momento do encontro do tipo do bambu, a escolha dos melhores feixes para cortar e preparo do material para coleta e posterior confecção das flautas. (Fotos: Fábio Freitas)

Desdobramento a partir da descoberta daquele bambu

Devido a grande importância deste recurso genético para as aldeias Xinguanas, pesquisadores da Embrapa começaram a esmiuçar os dados do específico bambu, para saber sua procedência, a espécie que pertence, sua distribuição, hábitos, dentre outros.

Duas mudas daquela touceira foram retiradas e enviadas aos cuidados do cacique Aritana (figura 12), e posteriormente plantadas na aldeia Yawalapiti, onde se desenvolvem muito bem, como pôde ser observado em duas visitas, indicando a boa adaptação do germoplasma àquelas condições da reserva (figura 13).

Foram coletadas também diversas partes da planta para testes de produção de mudas, pois, dependendo das espécies de bambu, a reprodução por brotamento pode ter grau variável de dificuldade e não sabíamos qual seria o comportamento apresentado neste acesso específico. Os testes ainda se encontram em andamento, os dados serão apresentados posteriormente.

O levantamento dos dados no arquivo sobre essa coleção mostrou que o material fora coletado pelo Dr. Dalmo Giacometti, na região do Suriname, mas sem identificação da espécie. A dúvida se a espécie coletada no Suriname, na borda Norte da Amazônia legal é a mesma encontrada anteriormente na região do Parque do Xingu, na borda Sul da região Amazônica, é uma única espécie com larga distribuição ou se é apenas uma espécie muito parecida com a que eles possuíam.

Segundo Filgueiras e Roitman (comunicação pessoal)¹, o referido bambu é uma espécie do gênero *Bambusa*, de origem asiática. Deste modo, o acesso coletado no Suriname e preservado na coleção da Embrapa, trata-se de uma espécie introduzida na América, não sendo nativa. Assim, a dúvida consiste em como os índios poderiam conhecer e utilizar essa espécie há tanto tempo?

Segundo estes mesmos especialistas, essa dúvida pode ser explicada por existirem espécies nativas de bambu na região próxima ao Xingu com características semelhantes ao da espécie asiática. Eles acreditam que a espécie brasileira original de uso pelos índios é a *Guadua weberbaueri* ou mesmo uma espécie do gênero *Meristachys*.



Fig.11. A figura mostra duas flautas confeccionadas a partir do material coletado na Embrapa, já em uso durante a festa cerimonial do Kwarup, na aldeia Yawalapiti. (Foto: Sandra Beatriz Zarur)

¹ Tarcisio Filgueiras – IBGE/Brasília; Luciano Roitman – IBAMA/Brasília



Fig.12. Entrega de duas mudas do bambu a representantes da aldeia Yawalapiti, em frente ao Prédio da FUNAI, em Brasília. (Foto: Fábio Freitas)



Fig.13. Muda de bambu enviada à aldeia Yawalapiti. No centro o Cacique Aritana. (Foto: Sandra Zarur)

Características do bambu, do instrumento e seu uso.

Os instrumentos musicais utilizados pelos indígenas eram geralmente feitos de ossos, de cabaças, bambus, cascas de árvores e taquaras e decorados com penas e outros enfeites coloridos; muitos considerados sagrados. Os instrumentos mais conhecidos são o maracá, a flauta uruá, a trombeta de cuia e o trocano.

A flauta Uruá é tocada em dois eventos no Xingu: na festa do Kwarup, que de forma muito simplificada é a última homenagem ao morto, quando dois índios, acompanhados por duas virgens (foto 14), passam pelas ocas tocando essas flautas gigantes e, durante a furação de orelha, que é um rito de passagem dos jovens.

As principais características da importância desse bambu para a confecção da flauta são: colmo bem reto, com pouca variação de diâmetro; parede do colmo resistente, mas fina e entrenó macio, permitindo que o mesmo seja furado com facilidade, para a passagem do fluxo de ar, ao longo da tubulação da flauta.

O nome indígena deste bambu é Taakuát, em tupi-guaraní, ou lanati, na língua Yawalapiti, sendo que a flauta recebe o nome de Uruá na língua Kamaiurá ou Wêpê, em Yawalapiti. Segundo o seu relato, este bambu era conseguido por meio de trocas com os Mehinaku e Juruna, sendo a primeira etnia localizada na parte mais ao sul do Parque, enquanto os outros ficavam no extremo norte. O bambu acabou em ambas.

Cada gomo do colmo possui ao redor de 40 a 50 cm de comprimento, sendo que a flauta final, que é dupla, fica com mais de dois metros, a partir do encaixe de pedaços contendo dois gomos cada. Ela não possui “furos” para mudanças de nota musical, mas apenas um defletor bucal, que serve tanto para afinar o instrumento, como para variar o som através de mudança da embocadura. A variação dos tons é também conseguida pela diferença de sons emitidos por cada um dos dois tubos, de tamanhos diferentes e, portanto, emitindo notas distintas.

Segundo relato dos mesmos índios, este bambu também é a matéria prima para a confecção de uma outra flauta, chamada de Takuara, originalmente feita pelos Bakairi, antigos moradores do Parque, que migraram para outras regiões há tempos e hoje se encontram muito descaracterizados.

Os índios do Xingu aprenderam com os Bakairi diversas músicas, tocadas em cinco flautas de tubo simples, menores, de diferentes tamanhos, utilizadas na festa da Takuara. Hoje, só o pessoal do Xingu mantém a tradição das músicas aprendidas no passado com os Bakairi, que infelizmente, devido aos 500 anos de contato, já não conhecem seus cantos e festas tradicionais.

A importância cultural da flauta do Bambu.

Festas e rituais são conduzidos ao som de músicas projetadas por estes instrumentos. O jeito artesanal de confeccionar afinar e tocar a flauta estava se perdendo, pela falta da matéria prima. Ao reencontrarem a matéria prima, tiveram a chance não apenas de produzir novos instrumentos, mas de perpetuar a sua cultura para a nova geração.

Considerações finais

Nesta experiência fica a lição de que nunca podemos prever quando um material conservado será útil e de que forma. Deste modo, devemos tentar conservar o maior número possível de amostras de diferentes espécies, tentando sempre agregar informações aos mesmos, pois um destes materiais pode nos proporcionar uma harmoniosa música, elevar nossos corações e tocar a alma da floresta.



Fig.14. Imagem do ritual da festa do Karup, onde os tocadores das flautas percorrem toda a aldeia na companhia de duas mulheres virgens que estavam em reclusão. (Foto: Sandra Beatriz Zarur)

Bibliografia

- Clark, L.G. 1990a. Diversity and biogeography of Neotropical bamboos (Poaceae: Bambusoideae). *Acta Bot. Brazil.*, 4(1):125-132.
- McClure, F.A. 1966. *The Bamboos - A Fresh Perspective*. Harvard University Press, Cambridge.
- Soderstrom, T.R. & Ellis, R.P. 1987. The position of bamboo genera and allies in system of grass classification. In (eds. T.R. Soderstrom et al.) *Grass Systematics and Evolution* Smithsonian Institution Press, Washington, DC,: 225-238.

Comunicado Técnico, 97

Ministério da Agricultura,
Pecuária e Abastecimento



Exemplares desta edição podem ser adquiridos na:
Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia
Serviço de Atendimento ao Cidadão
Parque Estação Biológica, Av. W/5 Norte (Final) -
Brasília, DF. CEP 70.770-900 - Caixa Postal 02372
PABX: (61) 448-4600 Fax: (61) 340-3624
<http://www.cenargen.embrapa.br>
e.mail: sac@cenargen.embrapa.br

1ª edição

1ª impressão (2003): 150 unidades

Comitê de publicações

Presidente: José Manuel Cabral Sousa Dias
Secretário-Executivo: Maria José de Oliveira Duarte
Membros: Maurício Machaim Franco

Regina Maria Dechechi G. Carneiro

Luciano Lourenço Nass

Sueli Correa Marques de Mello

Vera Tavares Campos Carneiro

Expediente

Supervisor editorial: Maria José de Oliveira Duarte

Normalização Bibliográfica: Maria Alice Bianchi

Editoração eletrônica: Giscard Matos de Queiroz